



Artigos/Articles

Na Toca da Onça cabe o Brasil todinho: as ladeiras de pedras das catástrofes ancestrais

*The whole of Brazil fits in Toca da Onça:
The Stonehills of Ancestral Catastrophes*

Murilo dos Santos Gomes¹

RESUMO

Este ensaio poético é fruto de um intenso mergulho interior e de um exercício de volta ancestral, que, à luz de Povinelli, Krenak, Gonzalez, Mombaça e outros, expõe as catástrofes ancestrais e as violências, apagamentos e silenciamentos que emergem do chão da colonização em Jaguaquara-BA, mas que se mantêm até hoje. Assim, por meio da análise dos discursos dominantes legitimados pela colonialidade do saber, como “A História”, e do seu confronto com as memórias (Gonzalez, 1984) enquanto narrativas locais e pessoais, e dos silêncios e silenciamentos, este ensaio poético evidencia as ficções de poder colonial forjadas como saber legítimo e história oficial, que apagam as participações negras e indígenas no fazer contínuo Jaguaquara. O objetivo é a redistribuição da violência (Mombaça, 2021) colonial praticada contra as populações indígenas, negras e mais que humanas, há muitos séculos, nas terras da Toca da Onça. Além disso, busco contar, por meio dos rastros e dos vazios, uma outra versão de Jaguaquara, ao mesmo tempo em que se evidenciam as resistências que florescem, muitas vezes invisíveis sob o peso da colonialidade.

Palavras-Chave: catástrofes ancestrais, colonialismo, história branca, geotopoder.

ABSTRACT

This poetic essay is the result of an intense inner dive and an exercise in returning to the ancestors that, in the light of Povinelli, Krenak, Gonzalez, Mombaça and others, exposes the ancestral catastrophes and the violence, payments and

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5828-2763>. E-mail: murillogomes.mg@gmail.com.

silencing that emerge from the ground of colonization in Jaguaquara-BA, but which remain today. Thus, through the analysis of dominant discourses legitimized by the coloniality of knowledge, such as “History”, and its confrontation with memories (Gonzalez, 1984), local and personal narratives, and silences and silencing, this poetic essay highlights the fictions of colonial power forged as legitimate knowledge and official history, which erase Afro-indigenous participation in the ongoing Jaguaquara activity. The objective is to redistribute the colonial violence (Mombaça, 2021) practiced against indigenous, black and more-than-human populations for many centuries in the lands of Toca da Onça, and to tell, through the traces and voids, another version of Jaguaquara, while highlighting the resistance that flourishes, often invisible, under the weight of colonialism.

I Keywords: *ancestral catastrophes, colonialism, white history, geontopower.*

1. Entre o corpo e o pensamento, a divisão cor.

Entre os primeiros, primeiras e primeres, entre as avós e avôs de meus avôs e avós e as terras-seres ancestrais de mim, a psicose europeia.

Entre mim e as relações de mundos outros, vidas outras, seres outros e existir outros, o imaginário *White*, a colher a girar na xícara à la Corra!²

Início este ensaio com esse poema (ou tentativa de um) como forma de ilustrar o que aguardam os leitores neste texto. Confesso, no entanto, que é apenas um vislumbre de algo que veio surgindo por meio de mim, mas alheio às minhas vontades, cresceu em mim e veio ao mundo por vontade própria, ímpeto próprio. Creio, talvez, que seja fruto de algo que meu corpo e sentimentos acessaram mais profundo que meu pensamento: memórias ancestrais contidas no corpo, na terra? Não sei ao certo. Entretanto, aqui há vozes para além da minha... vozes que considero vir dos ancestrais humanos e mais que humanos, e que me constituem e perpassam essa existência interseccionada que sou EU. Será que o pensamento-corpo-sentimento que julgo tomar meu ser é, em certa medida, o que escapa, como diria Foucault em Vigiar e Punir, “[d]a alma, prisão do corpo”?

Parece que é na locomoção, no mexer o corpo, no sentir a mim e o mundo com os poros da pele que meu pensamento existe. É aí que ele mora e reside, é nesse lugar que ele ganha alturas e voa longe... De repente, me ocorreu com espanto! Será que penso com as pernas ao caminhar sobre a terra e a grama? Será que penso com os pés e os dedos, as unhas, as entranhas? Com a pele NEGRA? Com o corpo VIADO? Como no derramar das lágrimas da moça negra, tomada pela mente branca em Corra!, acho que é do corpo que vêm esses pensamentos tão maiores que EU e que tomam conta de mim... E como não? É no corpo que a ferida colonial em mim se faz visível, é

² Filme Corra! do diretor Jordan Peele em 18 de maio de 2017 (Brasil).

nele onde está escrito “NEGRO” e “BICHA”, portanto, uma vida que não importa. É dele, no entanto, que falo; é nele que existo e habito. É ele barricada e trincheira, o lugar onde brota o pensamento, vindo nos genes em parte dos ancestrais, e o pensamento resistência que corre no sangue e jorra no suor. Meu corpo jamais se esqueceu da chibata colonial; ela, nele, deixou marcas.

Como os leitores devem ter notado, este texto às vezes muda de tamanho e passa a ser sublinhado ou itálico. Isso é fruto da minha tentativa de organizar essa confusão de pensamentos, de dar ordem. Será a voz da branca academia em mim? O importante é que o sublinhado é usado para “a arte”, que surge do meu íntimo e diz sobre minhas dores enquanto negro e gay lutando contra a colonialidade. Normal para o texto comum, ou nem tanto (risos), enquanto o itálico é para o que considero vir de algo especial, de algo para além de mim, algo ancestral, a ancestralidade em mim que resiste sob as camadas do concreto-branco-colonial.

Depois de tudo isso, acho que é hora de expor aos queridos leitores o motivo de tal inquietação: o que retomou em mim a angústia da mente branca e do corpo negro, a dor da violência contra si no simples ato de existir. Além disso, também a volta a pensamentos sobre a terra em que nasci e que retorno com frequência, para rever parentes e matar a saudade do meu pai, mas também da terra e do mar. O motivo de toda a inquietação e angústia que tomaram de mim muitas noites de sono e sossego, me fazendo andar em círculos ao redor da mesa da minha cozinha ou pelo parque do meu bairro, pois como dito, penso melhor quando ando, quando sinto. Seria o corpo em parceria com o pensar produzindo “o pensamento-corpo-sensação”? Não sei como explicar. Aliás, já deixo evidente de antemão aos leitores que não tenho objetivo ou pretensão de explicar nada. Minto, minto e feio! Tenho um objetivo ou três, são eles: o incômodo, o desconforto e a angústia. Desejo-lhes a angústia do corpo inquieto que, junto com o pensar, sente com todas as células o horror da colonialidade e da branquitude-vírus, da branquitude-tóxica³.

Foi lendo a Elizabeth Povinelli para o Workshop *Semiotics after Geontopower*⁴ que comecei a pensar e, principalmente, sentir com o corpo as seguintes questões: a sensação de estar em “Corra!” e a dor dessa violência, que o Fanon retrata tão bem, assim como, as teorias/posturas decoloniais em

³ Branquitude se refere a um lugar de privilégio racial, econômico, político, de poder, a um posicionamento de vantagens estruturais construído historicamente. Sendo também um conjunto de práticas sociais não-marcadas e não-nomeadas, portanto, “uma das dimensões mais importantes da branquitude em nossa perspectiva, é que ela é lugar de silêncio, omissão e suposta neutralidade, emergindo essencialmente na maneira como o assunto ‘negro’ é focalizado ou omitido, e no silêncio sobre o lugar que o branco, enquanto branco, ocupa no discurso [...]” (Bento, 2002, p. 73). Já sobre a Branquitude- vírus ou tóxica, me refiro a uma imposição de uma forma de estar e se relacionar com o mundo, com os outros e consigo mesmo que é ocidental, europeia e branca.

⁴ O evento ocorreu entre os dias 15 e 19 de abril de 2024 na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, tendo como organizadoras as professoras Joana Plaza Pinto e Suzane de Alencar Vieira.

seu conceito de colonialidade do ser⁵. Coisas que fui sentir com o meu corpo só após ler a Povinelli e comparar a volta às origens dela com a minha⁶.

Creio que ao ler Fanon pela primeira vez, pensei mais na dor dele e na dor coletiva, o que me impossibilitou de sentir com o meu corpo a minha dor. Já com “Corra!”, aquele pesadelo/filme me veio primeiramente como uma amostra perfeita do que o Fanon descreveu em seu “Pele negra, máscaras brancas”. Dessa forma, só com a leitura do texto *Divergent Survivances* da Povinelli (2021) e a minha tentativa de olhar para trás e ver minha ancestralidade, forma de existir e os mundos dos povos negros e indígenas dos quais tenho ascendência, mas que foram em grande parte substituídos pela branquitude-vírus, que só então o filme me fez pensar sobre mim e minha dor.

Os efeitos do Fanon, Corra!, minhas vivências, os conceitos decoloniais, Povinelli, minhas releituras do lugar onde nasci e das pessoas que lá residem confluíram⁷ nessa enxurrada de percepções/angústias. Só então que senti, com o corpo, as violências que só havia apenas percebido. Só com a confluência (Bispo, 2015), ou seja, com a junção dessas várias vivências e conhecimentos diferentes e com a tomada de tudo isso como legítimo, porém que não se misturam, como o encontro das águas do Rio Negro e Solimões, que senti, e foi só então que chorei... por mim e por nós⁸.

A segunda questão que surge com a confluência da leitura e escuta da Povinelli e a escuta do maravilhoso Krenak, são *as catástrofes ancestrais e a história de desapropriação, extração, ecocídio, genocídio, escravização, racismo, colonização, apagamentos, silenciamentos e o geontopoder no lugar onde nasci*. Por raça e racismo entendo que:

[...] raça é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja – o racismo. Todavia, como prática discursiva, o racismo possui uma lógica própria. Tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, na natureza (Gomes, 2012: 730 *apud* Hall, 2003: 69).

⁵ Segundo Walsh “es la que se ejerce por medio de la inferiorización, subalternización y deshumanización: lo que Frantz Fanon se referió como el trato de la “no existencia”. Hace poner en duda, como sugiere Césaire, el valor humano de estos seres, personas que por su color y sus raíces ancestrales, quedan claramente “marcados”; a lo que Maldonado-Torres se refiere como “la deshumanización racial en la modernidad [...], la falta de humanidad en los sujetos colonizados” que los distancian de la modernidad, la razón y de facultades cognitivas.” (Walsh, 2012: 68).

⁶ O movimento de volta às origens ou de volta ancestral parece ter ocorrido de forma mais tranquila e acessível para Povinelli e para os descendentes de imigrantes europeus que vieram para o Brasil no século passado. No meu movimento de volta, porém, encontrei violências apagadas e rastros fragmentados. Não era possível saber, com precisão, de qual vila ou região específica vinham meus ancestrais africanos, uma vez que foram traficados. Tampouco era fácil identificar minhas origens indígenas, considerando o massacre dessas populações na região onde nasci devido à colonização.

⁷ Antônio Bispo define, em “Colonização, Quilombos modos e significados”, a confluência como “a lei que rege a relação de convivência entres os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se ajunta se mistura, ou seja, nada é igual. Por assim ser, a confluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento plurista dos povos politeístas” (Bispo, 2015: 89).

⁸ Misteriosa é a vida! Só agora recordei-me que a Povinelli é de ascendência italiana, uma curiosa coincidência que ficará mais evidente ao longo do texto.

Por último, a questão da **escrita acadêmica**: este texto é de autoria de um corpo com experiência de vida interseccional entre raça, gênero e sexualidade. Nesse texto, os gêneros poesia e ensaio, as linguagens técnicas com a poética, com a que uso em casa com minha família, as vozes ancestrais, a minha e a da branquitude-capitalismo (aqui como invasor, sei que ele aparece por entre minhas palavra, mesmo que eu não queira) se unem e dão origem não à soma de algo, mas a uma coisa única construída mutuamente por todas elas. É um texto interseccional, às vezes não tão harmonioso, às vezes hipócrita, contraditório e caótico, mas verdadeiro, pois é fruto da angústia do meu corpo negro, gay e migrante em luta com a colonialidade em mim mesmo e na terra em que nasci. É um texto em construção, fruto das inquietações; é um texto, portanto, sem ponto final, que procura florescer entre as fissuras das camadas do concreto colonial, como a flor do poema “A Flor e a Náusea” de Drummond.

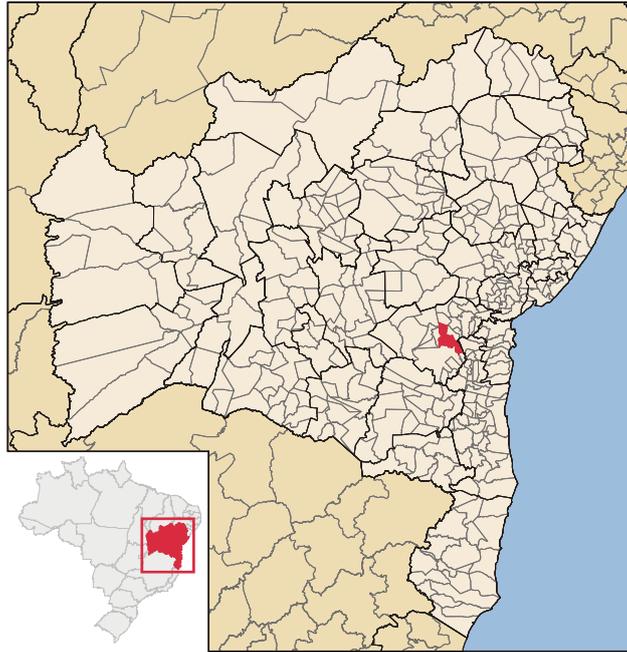
2. Jaguaquara terra preta, de nome indígena, cujo dono é branco

Como começar a narrar a história desse lugar em que nasci, mas que faz mais parte da minha infância ou das férias de fim de ano do que meu dia a dia, e que marcou e é parte fundamental na minha existência? Do rio? Com poesia? Das minhas memórias de infância ou do que me ensinaram na escola? De qualquer forma, não escaparei das lacunas da memória e de seus nebulosos caminhos. Porém, prometo trazer dados e referências, que é para não desestabilizar demais “a terceira perna” de vocês e a minha, “mas a ausência inútil da terceira me faz falta e me assusta, era ela que fazia de mim uma coisa encontrável por mim mesma, e sem sequer precisar me procurar” (Lispector, 2009: 10). Já ia me esquecendo: tentarei fazer uma coisa meio “Um defeito de cor” da Ana Maria Gonçalves⁹, visto que, há em Jaguaquara, algo típico da colonialidade, a “História” branca.

Mas, antes, alguns dados técnicos: Jaguaquara faz parte dos Territórios de Identidade do Estado da Bahia, precisamente o Vale do Jiquiriçá (com 20 municípios), sendo ela também pertencente à microrregião de Jequié, localizada na região Centro-Sul Baiano. A cidade possui cerca de 45.964 mil habitantes de acordo com os dados de 2022 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), tem uma temperatura média anual de quase 21°C e está na transição entre os biomas Mata Atlântica e Caatinga, possuindo uma área de 924.51 km². Entre seus quase 46 mil habitantes, segundo dados do IBGE de 2022, temos: 9.479 brancos, 8.504 pretos, 27.730 pardos, 157 indígenas e 90 asiáticos, ou seja, 20.6%, 18.5%, 60.3%, 0,35% e 0.19% respectivamente. Jaguaquara é terra negra e indígena e os números provam isso.

⁹ Entendedores entenderão. A quem não entender, como já dizia bell hooks, “o não entendimento faz parte”.

Figura 1 – Localização de Jaguaquara



Fonte: Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jaguaquara>.

O que pretendo aqui é uma espécie de análise-leitura dos silêncios, dos rastros e resquícios, do fantasmagórico, da atenção com relação à participação no fazer contínuo Jaguaquara e da distribuição dos corpos no território jaguaquarense. Mas, devido ao tempo e à grande complexidade, ela terá que ser aprofundada e enriquecida no futuro para além desse ensaio poético. Sendo assim, a principal característica desse texto é a de ser semente ainda sem florescer.

Fiquei me perguntando sobre quem tenho como interlocutor... vocês, Joana e Suzane?¹⁰ Tu, Povinelli? Vocês, leitores? Eu? Não somente. Também vocês, Jaguaquarenses como eu. É principalmente para vocês, Jaguaquarenses, que falo e com vocês que escrevo, seja os que estão ainda aqui, seja os que já partiram ou os que estão por vir.

Lembro como se fosse hoje, não do dia exato, ou se era inverno ou verão. Vamos tomar aqui como verdade meu gosto pessoal. O que mais me marcou durante os 7 anos ininterruptos que vivi na Toca da Onça e no pouco mais de 1 ano em que voltamos brevemente a morar lá¹¹, os dias chuvosos de Outono/Inverno em que a cidade sumia na chuva fina e nas brumas (de Avalon), o friozinho da manhã e o frescor das tardes de pouco sol. A paisagem campal só vista de alguns lugares bem específicos do bairro onde cresci... Se eu fechar os olhos, consigo sentir o cheiro da terra molhada misturada com o cheiro da pólvora das bombinhas de São João. Lembro também da vez que fui catar

¹⁰ Professoras da disciplina *Seminários sobre linguagem, sociedade e cultura*, oferecida no primeiro semestre de 2024 pelos programas de pós-graduação de Letras e Linguística e Antropologia Social da UFG, para a qual este ensaio foi inicialmente escrito.

¹¹ Durante a crise internacional de 2008 que afetou a empresa que minha mãe trabalhava em Senador Canedo, Goiás.

amendoim na roça de uma tia e das colinas e morros sem fim em que descíamos rolando sobre o capim baixo, paisagem que “parece a Itália” dizem.

Enfim! Era nesse período do ano, outono/inverno (não me recordo, mas tomemos como a verdade nesse nosso fazer realismo-fantástico-história-ficção). Eu estava na extinta 1ª Série, acho que se chamava primário, hoje em dia eles chamam de 2º ano do Ensino Fundamental. O ano? Acho que 2006 ou 2007, mas precisão pouco importa. Nossa professora, uma querida de nome indígena, pele negra e longos cabelos lisos, nos ensinou nas aulas de História a origem da nossa tão amada terra... “Jaguaquara em Tupi: Jaguar - onça e Quara - toca, juntando tudo - Toca da Onça. Nossa cidade surgiu de uma fazenda muito antiga de mesmo nome (Toca da Onça). Hoje a casa grande deu origem a essa escola que tem o nome da esposa, Luzia Silva, do nosso fundador, coronel Guilherme Martins do Eirado e Silva”, disse ela, ou algo parecido.

Em 1915 consegue a sua segunda vitória, é aprovada e sancionada a Lei nº 174 de 05 de outubro de 1915, que mudou para Jaguaquara/Ba a denominação do povoado Toca da Onça. Denominação que segundo Teodoro Sampaio, famoso engenheiro civil baiano, **em língua indígena Tupi traduz a sua origem primitiva: JAGUAR onça, QUARA toca** (Santos, 2021: 38, grifo meu).

Com o passar dos anos, uma pergunta sempre me voltava à cabeça: Tupi? Cadê os indígenas daqui, então? Tanto na escola como no site da prefeitura, o discurso era “Jaguaquara nasceu de uma fazenda chamada Toca da Onça, e sua história tem como ponto de partida a chegada do casal Guilherme Martins do Eirado e Silva & Luzia de Souza e Silva no ano de 1896”(Jaguaquara, n.d.). Sempre achei estranho. O que tinha antes? Vale ressaltar que Guilherme e Luzia eram portugueses; eles chegaram na fazenda de nome Toca da Onça que já existia; não a fundaram, a compraram. O que fundaram foi a vila que posteriormente ajudaram a tornar cidade.

Neste trajeto, percebe-se que este homem, elevado ao posto de fundador e desbravador, constrói fama e riqueza na então Toca da Onça, sob trabalho e empenho de mãos ocultas... Negros ou indígenas? Talvez afro-indígenas. Não se sabe! Não há registros documentados das pessoas que deram bases para a então Jaguaquara. Apenas é contada e documentada a História sob a visão dos colonizadores, mesmo que estes não fossem mais chamados assim, já que a cidade em modus operandis fazenda já existia no ano citado (Santos, 2021: 48).

Se a fazenda já existia, qual é a sua história? Até onde descobri nas minhas pesquisas, que retomam a minha última ida à Bahia no final de 2023, “os proprietários mais antigos que **se tem registro (de 1800)** eram os portugueses Capitão Manoel Esteves de Souza e Dona Maria Tereza de Jesus,

provavelmente sucessores de sesmeiros da capitania de Ilhéus” (Rosa, 2016: 42 *apud* Santos, Souza & Souza, 2019: 93, grifo meu).

A Fazenda passou por vários donos e companhias até parar nas mãos do casal português. No artigo de Edinaldo da Silva Santos, Tainá Ribeiro de Souza e Flávia Silva de Souza, elas e ele nos contam que a fazenda Toca da Onça era uma sesmaria. A doação das sesmarias pelos donatários deu origem a muitos e extensos latifúndios, onde, pela cultura da cana-de-açúcar, principalmente na costa brasileira, “foram traçadas as bases da nova política econômica, apoiada nas sesmarias e nos engenhos de açúcar, que atrelado ao regime da escravidão constituiu-se nos pilares da antiga sociedade colonial.” (Santos *et al.*, 2019: 94).

Entretanto, nada dizem se esse foi o caso de Jaguaquara... Eles ficam no geral, discorrendo sobre o Brasil ou a Bahia. Há anos que venho notando essa nebulosidade para além do clima. Perguntei uma vez à minha tia se teve escravidão em Jaguaquara. Lembro que ela disse algo como: “Um professor, na minha especialização, disse que as Palmeiras na praça da cidade indicam sinal que teve escravidão aqui”. Mas a praça é hoje onde outrora foi “uma casa de negócios com depósitos, dependências de **empregados** (Quem eram?) e rancharia para viajantes, que foi demolida para dar lugar à Praça J.J. Seabra” (Jaguaquara, n.d.). Em que ano? Nada consta no site da prefeitura. No entanto, provavelmente anos após a chegada do casal Guilherme e Luiza em 1896, Toca da Onça já era ou estava se tornando uma aldeia.

A preocupação do site da prefeitura, em seu breve resumo sobre a história da cidade, consiste na narração da chegada do coronel Guilherme e Luzia, da ida na escada do progresso de povoado, para distrito, para vila, para então emancipação do Município de Areia (atual Ubaíra), sobre a construção da estrada de ferro que passava pela cidade, a troca de nome para o Tupi. Em seguida, destacam a chegada dos tão prestigiosos imigrantes italianos, japoneses, portugueses, com suas avançadas técnicas de agricultura que trouxeram a Jaguaquara “o progresso” e a projetaram a nível estadual como grande produtora hortifrutigranjeira. Por fim, uma lista dos seus 7 intendentess, 19 prefeitos e 1 única prefeita (a atual). Talvez vocês estejam se perguntando: e os sobrenomes na lista? Italianos, portugueses, franceses, talvez espanhóis.

Em 1950, imigrantes vindos de diversas regiões da Itália, desembarcaram em Jaguaquara. Eram 41 famílias, que **receberam do Governo um pequeno lote de terra para recomeçarem a vida**. Introduziram a lavoura, ainda pouco incrementada, com produtos até então desconhecidos da população e técnicas mais avançadas de cultivo. Fundaram uma Colônia, que hoje, encontra-se desativada. Além de hortifrutigranjeiros, os italianos plantaram uva e trigo, que se desenvolveram bem graças ao clima. Jaguaquara, acolheu ainda imigrantes de várias nações como Japão, Portugal, Espanha e Peru (Jaguaquara, n.d., grifo meu).

Acho-me triste, cansado e exausto. E olha que temos ainda muito chão pela frente, muitas coisas ainda para pensar... Povinelli me fez sentir em mim a dor silenciosa que corre pelas ladeiras de pedra que cortam os morros do vale. Não são só as brumas e a chuva fina que encobrem a cidade no outono/inverno, fazendo-a sumir, mas também o concreto colonial por meio da Consciência enquanto discurso dominante, legitimado como “História”, que atua como “lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber” (Gonzalez, 1984: 226). Esse discurso dominante exclui e encobre, em um silêncio cinza, os indígenas e os negros, bem como suas participações na construção do que é Jaguaquara e na história da velha Toca da Onça. Indígenas e negros, também os quilombolas, não têm sequer uma nota de rodapé na página da prefeitura destinada à história da cidade, cujo o título é “Nossa História”. Nessa “nossa” do branco-colonial, não há a maioria dos que habitam as terras de Jaguaquara. Também é evidente a doação de terra para os imigrantes italianos, enquanto, para os antigos moradores indígenas, houve a desapropriação. E para os negros? Eles que se virem!

*Surge por entre as brumas e a chuva fina,
Com suas ruas de pedra, ladeiras, escadinhas e Malvinas.¹²
Surge no meio da chaga da terra, cortada pelo Casca-zumbi-rio
com predinhos e o trânsito-Índia por seu centro estreito, e espremido
pelos morros despídos, outrora vivos.
Com suas igrejas muitas de arquitetura belas, sua brancura-
colonizador-europeu-Itália,
na baixa fartura negritude e nos quilombos ocultos, dor.
Senta-se no pedestal-elite o estrangeiro branco, morre nos guetos-
esgotos a céu aberto e estradas-terra, o preto e o indígena ancião.
Toca moça, toca velha, toca antiga, onça domada pelo branco-Itália e
Portugal.
Canta o forró nas ruas coloridas-bandeirolas, fogos e bombinhas de
crianças mãos, a fogueira a queimar nas portas e as brumas a cobrir o
céu e a visão.
Jaguar e Quara, toca e onça, triste cidade, antiga-nova, morta-viva,
assassino-branco-colonial.
O colonial Brasil todinho, cabe aqui nesse chão, quão triste e
dessemelhante é viver, sob essa branquitude-opressão.*

Em sua dissertação de mestrado, Katiane Castro dos Santos, ao trazer as narrativas orais dos povos negros e indígenas em oposição ao discurso consciente (Gonzalez, 1984) enquanto “História” oficial do município de Jaguaquara, nos mostra um movimento de epistemicídio e apagamento das contribuições e participações dos povos negros e indígenas pela História oficial narrada pelas instituições. Narrativas que escutei ainda muito pequeno na escola, ou mesmo hoje, como a existência do quilombo Ocrídio Pereira, reconhecido pela Fundação Cultural Palmares no ano de 2013, da qual a

¹² Há em Jaguaquara dois bairros chamados de Malvina 1 e Malvina 2. Eles surgem mais ou menos no período da Guerra das Malvinas.

existência eu só fui saber em 2020 (ou coisa assim). A maioria dos habitantes da cidade pouco conhece o Quilombo, evidenciando assim, esse longo e violento histórico de apagamento e silenciamento daqueles e daquelas que são a maioria dos habitantes e que estiveram nas terras da Toca da Onça muito antes dos imigrantes vindos de além-mar, da Europa.

Isto pode ser pensado através do ostracismo que a população afro-indígena de Jaguaquara se encontra. Não há um registro documentado dos povos indígenas que ali viviam, já que os mesmos deram nome e origem ao município e, concomitante a esta situação, menos ainda se fala sobre os africanos e afro-brasileiros, possivelmente em condições e herança escravocrata que ali viviam, já que na cidade supracitada existe um quilombo – a Comunidade Lindolfo Porto¹³ – o que demonstrar um apagamento do território material e simbólico/imaterial destes grupos étnicos (Santos, 2021:12).

Corroborando com Santos, Patrícia Carla Alves Pena e Edinaldo da Silva Santos, na tentativa de reconstruir, por meio de “rastros e resíduos” , essa história indígena perdida — ou melhor, apagada —, nos falamos sobre o Vale do Jiquiriçá:

[...] De forma que, ‘até meados do século XVI, o desbravamento da região vinha se desenrolando lenta e penosamente em virtude das duras lutas mantidas com os indígenas (Kiriri, Sabuyá, Payayá, Mongoios e Maracá)’, (PTDRSS, 2017, n.p.). ‘Conta-se que em meados do século XVII o colonialismo avança contra povos originários no território que posteriormente ficaria conhecido como Vale do Jiquiriçá, fomentando o saque das riquezas, a escravização e o domínio’ (SANTOS, 2019, p.144) (Pena; Santos, 2021: 49).

Mais à frente, eles e ele nos dizem especificamente sobre Jaguaquara: “(...) o seu nome advindo do Tupi Guarani, onde quara- significa toca e jaguar-onça, remetendo a antiga fazenda Toca da Onça; é lamentável que hoje não exista documentado a presença dos povos indígenas no município” (Pena; Santos, 2021: 50). Em sua reconstrução, os dois narram as lutas, batalhas, tribos e os significados dos nomes das várias cidades do meu amado Vale: “o que houve no Vale do Jiquiriçá não difere tanto das demais regiões do planeta que foram alvo de um massivo saque, camuflado pelas narrativas pioneirescas” (Santos, 2019: 78).

Figura 2 – Imagem do Rio Jiquiriçá que dá nome ao Vale

¹³ Outro nome para o quilombo Ocrídio Pereira.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Jiquiriç%C3%A7%C3%A1 Acesso em: 28 nov. 2024.

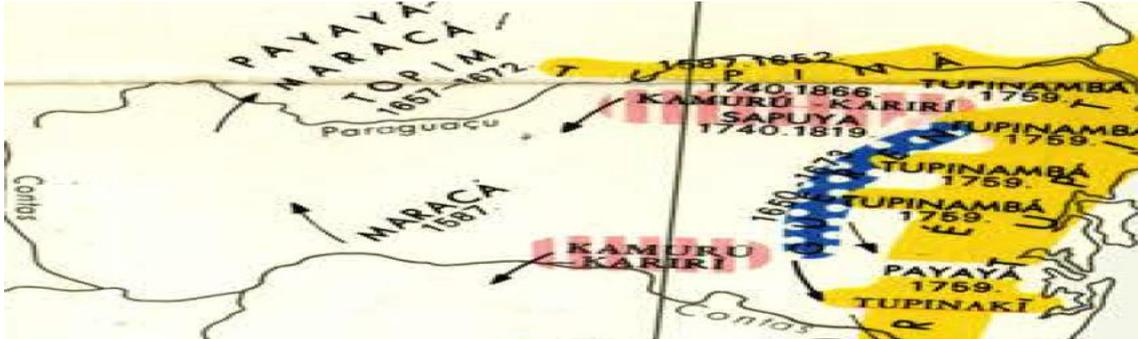
As cidades próximas umas das outras compartilham de uma origem comum, muitas delas sendo desmembramento de outras maiores e assim sucessivamente. Na minha história familiar, fica evidente a migração entre essas cidades próximas e de identidade comum. Os pais da minha mãe são de uma pequena cidade do Vale, com menos de 10 mil habitantes, mas foram morar em Jaguaquara por volta da década de 80. Minha avó narrou inúmeras vezes de conhecer indígenas nas roças de Jaguaquara, eles e ela trabalhando em fazendas de italianos. Também dizia de uma possível avó indígena, e há rumores assim na minha família paterna também. Sinto que, nessa integração, mesmo os lugares como Planaltino (cidade natal da minha avó materna), que não aparecem no texto de Pena e Santos, receberam, nesta comunhão entre os municípios do vale, muitos dos sobreviventes desses povos cujas terras, em outras cidades próximas, foram tomadas e muito dos seus semelhantes, assassinados¹⁴.

Diante do que foi apresentado, nesse breve levantamento histórico-geográfico da origem de alguns dos municípios do Território de Identidade do Vale do Jiquiriçá, pudemos perceber o quanto essa localidade do sudoeste baiano está diretamente atrelada à história de diferentes povos indígenas que habitaram e imprimiram marcas nesse território (Pena; Santos, 2021: 55).

Figura 3 – Mapa da região norte do Rio de Contas¹⁵

¹⁴ Deixo um mapa como mais um resquício da presença indígena na região do vale nos anexos.

¹⁵ O Mapa da região onde se encontrava Jaguaquara durante a invasão portuguesa é prova/resquícios das presenças indígenas quase totalmente apagadas, mas que resistem como rastros ou fantasmas na cultura, nos nomes das cidades, como Maracás, Jaguaquara, Jequié, Itaquara etc.



Fonte: Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes (2017)¹⁶.

Finalizo essa parte retomando seu poema-título: Jaguaquara é uma terra preta, como mostra os dados do IBGE, de nome indígena, como mostram os textos citados, que remontam seu passado pré-colonial. Contudo, é atualmente uma terra de donos brancos, como evidencia o site da cidade, ao retratar somente o fundador português e os imigrantes, principalmente os italianos. São eles os mesmos que receberam do Governo Federal essas terras e hoje são a elite financeira, intelectual e política da cidade. Retomo novamente ao poema-título da introdução e a sensação de estar em “Corra!”. Seria Jaguaquara um conjunto de seres e relações humanas, um corpo negro e indígena, mas tomado por uma mente branca?

Sinto-me tão fraco hoje,
Tão cansado sob essa noite sem lua,
Nesse imenso céu sem estrelas.

3. O homem é o bicho onde a fome é eterna... Matou ele em sua fome infinita o rio ancião e as montanhas ancestrais

Aqui, trago para ajudar no meu caminhar-pensar os conceitos da Elizabeth Povinelli de Geontopoder e Catástrofes Ancestrais, juntamente com as narrativas da minha vó, mãe e pai sobre as enchentes que afligem Jaguaquara como um todo, mas principalmente os negros moradores das encostas e das beiras de rio. Tenho como objetivo ao usar esses conceitos, tratar da violência que atinge os povos negros de Jaguaquara nos dias de hoje, mas também na violência e assassinato igualmente silenciado, como os que vimos na seção anterior, mas se tratando do Vale com seus morros, lagoas e rios — ou seja, os ancestrais mais que humanos.

*Jaz Jaguaquara e outras brancas-cidades desta terra
Onde o Ocidente-colonialidade fez sobre as chagas de Gaia
Templos-cemitérios em louvor à morte-branca-europeia e ao Capital-fome.*

¹⁶ Iniciativa da equipe técnica do Inventário Nacional da Diversidade Linguística do Departamento do Patrimônio Imaterial (INDL/DPI).

A colonização foi acompanhada da desapropriação das terras indígenas, da violência e massacre desses povos, sua escravização em princípio, do tráfico e da escravização dos povos negros vindos de África, mas também do massacre das florestas, rios, córregos, lagoas, montanhas, vales, flores, plantas, pedras, rochas e a própria Terra. A colonização europeia estabelece o sistema de mundo mantido até hoje pela colonialidade. Nesse sistema, o centro, o universal e a medida de todas as coisas passaram a ser o homem, branco, europeu, cristão, racional, hétero, cis em oposição aos povos negros, indígenas, asiáticos, árabes etc., vistos como não civilizados ou como inferiores na escala evolutiva. Da mesma forma, mulheres e os sujeitos não cristãos e fora dos padrões de gênero e sexualidade foram subordinados. Com base nessa matriz de desigualdade, pautada na binaridade, os sujeitos são hierarquizados e distribuídos desigualmente nos espaços sociais e físicos, mas também quem merece viver ou quem pode ser deixado morrer.

Vimos na seção anterior e também veremos ao longo desta, exemplos do que se denominam colonialidade do ser, do saber, do poder etc., e de bio/necropolítica — ou seja, a governança da vida e as táticas de morte presentes nesse território chamado Brasil desde a colonização. A justificativa de levar a civilização e o progresso aos “não-civilizados” — esse “progresso” tão fundamental para garantir a vida nas Metrópoles — baseou-se na morte e escravização das populações nas colônias (Barbosa; Migoto, 2021). A ideia do progresso trazidos pelos imigrantes, mas também pelo fundador português que tornou cidade a fazenda, ou seja, que a “civilizou”, é evidente no discurso oficial da História Jaguaquarense: “Introduziram a lavoura, ainda pouco incrementada, com produtos até então desconhecidos da população e técnicas mais avançadas de cultivo.”(Jaguaquara, n.d.).

No entanto, o que quero chamar atenção aqui, à luz de Povinelli, são as governanças sobre o não vivo ou mais que humano. O colonialismo europeu tinha como base a exploração dos povos africanos e indígenas, mas também do mais que humano na fome insaciável por “recursos naturais” como o ouro, o diamante, o pau-brasil, a cana-de-açúcar, entre outros. A colonização violentou a terra, os rios, os morros, devastou florestas, exterminou espécies, escavou o corpo de Gaia e impôs seu modo de ver e se relacionar com o mais que humano a todos, todas e todes. Esse modo de separar a vida e a não vida se mantém e ganha novos contornos (com suas figuras, das quais iremos discutir uma na seção seguinte) no liberalismo tardio, tendo a mesma justificativa do “progresso”.

Ao regime de poder que cria a divisão entre a Vida e a Não Vida, Povinelli dá o nome de Geontopoder, sendo ele anterior à dupla bio/necropoder. No geontopoder, há centralidade da vida como medida e o universal; em outras palavras, dos processos pertinentes à vida, como nascer, crescer, reproduzir e morrer, mas principalmente do humano — e não qualquer humano, mas o

homem-branco-europeu-cis-hétero. Sua forma de ser, pensar, de linguagem e de mente justificam a hierarquização e extração de mundos-vivos¹⁷.

O modo mais simples de delinear a diferença entre geontopoder e biopoder é considerar que o primeiro não opera pela governança da vida e pelas táticas da morte, e sim se apresenta como um conjunto de discursos, afetos e táticas utilizados no liberalismo tardio para manter e dar forma à relação futura da distinção entre Vida e Não Vida (Povinelli, 2023: 22-23).

É na colonização que o Antropoceno se forma. No Vale, junto com a desapropriação e extermínio da população nativa, ocorreu e ocorre o assassinato dos rios, ao exterminarem suas matas ciliares na construção das cidades e ao torná-los retos, mutilando seus corpos ancestrais que habitam a Terra muito antes da Humanidade¹⁸. Transformando-os em zumbis-esgotos a céu aberto, onde não mais correm as águas da vida, mas o vômito-tóxico-colonial. As matas verdes que outrora cobriam belas os morros-muitos do Vale, nesses morros jaz agora as muitas ladeiras de pedra-paralelepípedo e as lavouras de tomate, banana, amendoim etc., que alimentam a civilização-brasil montada sob os cadáveres ancestrais humanos e mais que humanos. Essa violência passa despercebida, silenciada, afinal, o homem, em seu antropocentrismo, se vê tendo o direito sobre todas as coisas, com sua mente superior, seu racionalismo e sua linguagem do qual é ele “o seu único detentor”.

*E sob as marchas do “progresso”,
Desapropria tudo o psicose-europeu.*

Retomaremos mais adiante, na seção seguinte, o conceito de Geontopoder. Por agora, voltemos à narração histórica das catástrofes que afetam os povos negros e indígenas de Jaguaquara e do Vale, os alagamentos e enchentes corriqueiras, e a falta d’água recente. Eu era pequeno e já ouvia sobre as chuvas que provocam alagamentos/enchentes e o desabamento de casas nos bairros baixos de Jaguaquara, principalmente nos próximos do bairro onde cresci. Casas pobres, feitas de adobão (tijolos de barro, feitos muitas vezes pelos próprios moradores) são, portanto, casas frágeis à força esmagadora das águas. Jaguaquara é como muitos dizem, “um buraco”, fica ela em morros despídos de sua vegetação natural, seu centro no meio do “buraco”. O bairro Lagoa logo em seguida, e um outro que creio ser chamado de Nova Jaguaquara

¹⁷ Termos usados pela Profa. Dra. Suzane de Alencar Vieira durante o *Workshop Semiotics After Geontopower* em abril de 2024.

¹⁸ Humanidade essa pensada enquanto separada da natureza ou como em oposição a ela, como diz Krenak em *Ideias para adiar o fim do mundo*: “Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso - enquanto seu lobo não vem -, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza” (Krenak, 2019: 16-17).

ou coisa assim, mas que, para evitar equívocos, irei chamar pelo nome que escutei quando criança “Baixa da Fartura”. Muita gente brinca que “de fartura não tem nada”. Já ia esquecendo de algo importante: um dos afluentes do Rio Jiquiriçá que corta Jaguaquara, passando por vários de seus bairros e centro, o Rio Casca. Ele na boa parte do ano é fino e fedido, devido ao esgoto da cidade que corre por seu corpo violentado.

Escutei muito das enchentes nesses bairros baixos e pobres e no centro. “A água descia pelas ladeiras de pedra, vinda dos bairros altos, e corria levando embora as barracas dos comerciantes do centro. Tudo ia rio e rua abaixo, passando pela Rua da Lagoa (nome que as pessoas chamam o bairro Lagoa), derrubando casas e fazendo o maior de seus estragos”, dizia mainha. Ou nas longas histórias da minha vó materna sobre muitas coisas do passado, dizia ela assim: “Muito tempo atrás, teu tio era pequeno, tua mãe nova, teu avô ainda era um nego forte... a chuva veio forte, choveu por muito dias, derrubo casas na Rua da Lagoa. Lembro que um Eucalipto caiu e matou uma mulher, e que uma vez a chuva carregou um carro. Naquela época o prefeito teve que tirar muita gente das baixadas do rio, botou noutra luga, deu casas em outros bairros, no alto.” Quando perguntei como era hoje, ela disse algo como: “Hoje quase não tem isso, mas ainda alaga, o povo mora mais no alto... mas se chover muito, pode desabar, ne!?”.

Ronda em Jaguaquara a narrativa de um possível perigo constante, a ameaça do rompimento de uma barragem em um município vizinho, o de Jequié. “Se a barragem de Jequié estourar, leva junto Jaguaquara e Itaquara, descendo Vale a abaixo em destruição”, dizia meu primo. Escutei muitas coisas assim durante a infância, aliadas a outra narrativa, creio que fruto da mineração em cidades próximas, que consiste nas narrativas que Jaguaquara tem bauxita, um mineral que, se encontrado, traria o “progresso” mais uma vez.

Durante minhas férias, costumamos passar pelo Vale a caminho da Ilha de Itaparica, e essas viagens gravaram em minha memória a paisagem local: morros, florestas, rios e estradas sinuosas. As pequenas cidadezinhas todas muito próximas umas das outras. Na viagem do último ano, ao passar por Laje¹⁹, meu pai apontou para uma ponte que sumiu durante as fortes chuvas na Bahia, que deixaram muitas cidades alagadas, ainda no governo do Bolsonaro. Ele lembrou que nosso avô queria viajar para a ilha, onde se sentia melhor devido a problemas respiratórios, mas a ponte de Laje ainda estava interdita. Infelizmente, nosso avô se tornou ancestral meses depois das enchentes, deixando para trás as igrejas do poema acima que ele, meu pai e meu tio construíram com suas próprias mãos, projetadas com as panelas da minha avó a pedido de Frei Joaquim Cameli, amigo da família²⁰.

¹⁹ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=D4UUOtRgAB8>.

²⁰ Que por sinal era Italiano.

Abordei esse assunto porque, embora minha família paterna (branca) seja de ótimas pessoas, a Igreja Católica e a Batista em Jaguaquara, cujas construções foram feitas por eles, contribuíram para a marginalização das crenças mais antigas. O catolicismo e o protestantismo, trazidos por colonizadores e migrantes, relegaram essas crenças a um estado de invisibilidade e desprezo, refletindo uma política de epistemicídio em relação ao cristianismo eurocêntrico (Santos, 2021). A colonização e a migração em Jaguaquara também foram influenciadas por essas igrejas, que disputaram poder no governo e na educação, com freiras italianas fundando o Colégio Luzia Silva e padres fundando o Colégio Pio XII, além dos batistas que criaram o Colégio Taylor-Egídio (Santos, 2021; Santos, 2016). Mencionei meu avô porque, ao ver a ponte, ficaram marcadas em minha memória as marcas da enchente nas paredes das casas.

É importante ressaltar que os dados mostram, e a minha experiência também, que Jaguaquara é negra. A negritude está por toda ela, mas principalmente na Rua da Lagoa, onde é extremamente predominante e remonta a remanescentes de quilombolas também, como podemos ver num dos relatos presentes na dissertação da Katiane Castro dos Santos:

Esses escravos fugitivos se alojaram em Itaquara/Ba. Houve um escravo que pegou sua esposa e seus dois irmãos fugindo do capitão do mato, da escravidão, pois eles não queriam ser mais escravos, teve apoio do fazendeiro Alcino, e o nome dele é Ocrídio Pereira – é o pai de dona Amália. Ocrídio Pereira foi o primeiro escravo a chegar aí, mas como você sabe que a gente por ser do vale do Jiquiriçá, Jaguaquara/Ba, Itaquara/Ba na época eram todas praticamente coladas, não é!? Porque Jaguaquara/Ba pertencia a Ubaíra/Ba por ser do vale Jiquiriçá. Ela pertencia também a Areal onde hoje é Itaquara/Ba. A história que o pessoal conhece que começa da toca da onça, começa muito mais antes, e aí eu acredito assim, porque sua família de Itaquara/Ba eu lembro que seu Antônio e seu pai também foi morador de lá. Eles podem ser descendentes desse Ocrídio Pereira, porque Amália fala que eles se espalharam, foram pra vários lugares, uns se alojaram em Itaquara/Ba e outros residiram **na rua da lagoa**, mas ela ficou em uma fazenda chamada Léro Andrade que pertencia a Jaguaquara/Ba (Mariete da Silva) (Santos, 2021: 30-31, grifo meu).

As enchentes em Jaguaquara acontecem de anos em anos, sendo menos frequentes hoje em dia que no passado ou menos desastrosas. Tanto que, na minha infância, eu achava que era mito ou que o problema já havia sido resolvido, até que vi pessoalmente a fúria das águas em uma das minhas férias de fim de ano. Recordo-me que estávamos todos no apartamento dos meus avós paternos, no centro da cidade, quando a chuva forte começou e durou por um

tempo. Logo, a água dos bairros altos escorreu sobre as ladeiras de pedra e eu vi, em completo horror, da ladeira do Cruzeiro, descer inúmeras pedras de paralelepípedos junto com as águas que verteram as ruas em rio.

Figura 4 – Aguas das chuvas descendo uma das ladeiras da cidade carregando as pedras de paralelepípedo ladeira abaixo (2021)



Fonte: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/12/03/chuva-forte-causa-transtornos-em-jaguaquara-no-sudoeste-da-bahia-veja-situacao-em-outras-cidades-do-estado.ghtml>. Acesso em: 29 set. 2024.

A água e as pedras desciam em fúria e logo mais a frente havia um barranco muito alto, e embaixo, uma casa antiga, agora restaurante. Fiquei apavorado quando percebi a tragédia que seria se água subisse a parede que separava a ladeira onde o apartamento se encontrava e o barranco.

Nesse dia, percebi a fragilidade de Jaguaquara, a fragilidade dos bairros baixos e também de muitos dos altos, nos morros, com suas encostas desmatadas, sem o verde das árvores. O progresso havia tornado a cidade quase inteira num alvo fácil à fúria ancestral das águas. As enchentes ou alagamentos ocorrem esporadicamente (ocorreu recentemente, em fevereiro de 2024)²¹, em menor intensidade, mas com mais força devido às mudanças climáticas, que mudaram a distribuição das chuvas, menos regulares e mais intensas, trazendo também um problema novo, a falta de água em muitos bairros²².

Em princípio, foquei na leitura das tragédias da Rua da Lagoa, mas quando notei que é ela, Jaguaquara toda, negra, é ela quase toda frágil e que os

²¹ Ver: <https://blogmarcosfrahm.com/jaguaquara-impacto-das-chuvas-revelam-carencias-na-infraestrutura-com-alagamentos-em-pontos-do-municipio/>

²² Ver: <https://blogmarcosfrahm.com/jaguaquara-moradores-voltam-a-reclama-de-falta-de-agua-em-bairros-da-cidade/>

brancos, quase todos, se concentram na Muritiba, um bairro alto, e que nunca ouvi falar sobre enchentes, alagamentos, invasão das águas em casas ou mesmo o desabamento naquela localidade²³, percebi que é toda ela (Jaguaquara) que sofre com as Catástrofes Ancestrais, sejam elas as enchentes, a pobreza e o baixo salário, o racismo da história, pela colonialidade do saber, enquanto o posicionamento do eurocentrismo como ordem exclusiva da razão, do conhecimento e pensamento (Walsh, 2012). Seja ela nas distribuições do poder, nas distribuições da atenção e o reconhecimento dados às participações negras e indígenas na trajetória de construção de sentido (Kell, 2015) de Jaguaquara enquanto cidade, seja no deixar morrer, como na violência e massacres urbanos. É sempre os negros, indígenas e pobres a sofrer, seja na Baixa da Fartura, na Rua do Arame, na Casca ou no Centro.

Argumento, assim, que as catástrofes em Jaguaquara e no Vale não são futuras, onde a vida corre o perigo de deixar de existir devido às mudanças climáticas, representada na figura do deserto (Povinelli, 2023). Elas acontecem em Jaguaquara e no Vale desde a chegada dos colonizadores, na segunda metade dos anos 1700, portanto, são ancestrais.

As Catástrofes Ancestrais são passado e são o presente; elas emergem do chão do colonialismo e do racismo, em vez de emergir no horizonte do progresso liberal. Catástrofes Ancestrais fundamentam os danos ambientais na esfera colonial e não na biosfera (Povinelli, 2021: 3)²⁴.

Catástrofes Ancestrais estão estreitamente ligadas com o assassinato das matas à beira dos rios, com sua retificação e desmatamento dos morros para a construção de prédios no crescer desenfreado das cidades, com suas ruas de pedra ou asfalto que dificultam a absorção das águas da chuva pelo solo. Assim, as águas, sem ter para onde ir, correm morros abaixo rumo ao centro e demais bairros baixos causando estragos e mortes (como no relato da minha vó, onde a árvore que caiu e matou uma pessoa) em Jaguaquara, mas em outros locais desse imenso Brasil, como recentemente aconteceu no Rio Grande do Sul em 2024, ou as queimadas históricas nesse segundo semestre de 2024, que encobriram por longos dias o céu de vários estados de fumaça-tóxica do agrocapitalismo-assassino e mancharam o amarelo vivo do sol em vermelho sangue, sujando e roubando o ar de nossos pulmões.

Para o meu ancestral Rio Casca, agora zumbi, sujo e em uma semivida causados pelo colonialismo e o capital-fome.
Abraços, Murilo.

4. Lá vem o fóssil ancestral,

²³ Provavelmente a única exceção.

²⁴ Tradução feita por mim. Original: “ Ancestral catastrophes are past and present; they keep arriving out of the ground of colonialism and racism rather than emerging over the horizon of liberal progress. Ancestral catastrophes ground environmental damage in the colonial sphere rather than in the biosphere” (Povinelli, 2021: 3).

***Vem dos orifícios de Gaia
E das línguas-corpo dos anciões!***

Surge em mim a beleza da poesia. Veio em meio a solidão, a tristeza e a dor, mas veio bela.

Voltemos primeiro às definições de Povinelli em seu livro “Geontologias: Um réquiem para o liberalismo tardio” de 2016, traduzido para o português em 2023, sobre Geontopoder e as suas quatro figuras (focaremos apenas na do deserto). Povinelli (2023) nos diz que o Geontopoder é um modo de governança do que ela chama de liberalismo tardio, sendo esse último uma forma de resposta do capitalismo aos movimentos anticoloniais que emergem nos anos 60. No liberalismo tardio, é exercida a política do reconhecimento, mas esse reconhecimento sendo impor a ontologia branca aos que têm outras analíticas de existência ou poéticas da existência, como diz Krenak (2019). Ou seja, você pode ter esta terra, desde que a use para extração de minério, a torne produtiva. Se o biopoder é tornar os seres tidos como vivos em produtivos, o geontopoder é tornar o visto como não-vida em produtivo. Assim, chegamos numa das suas quatro figuras: o deserto. E, como figuras, ela entende que:

[...] podemos pensar nessas figuras como uma coleção de fantasmas governantes que, no liberalismo tardio de ocupação, existem entre dois mundos – o mundo em que as oposições dependentes de vida (bíos) e morte (thánatos) e de Vida (bíos) e Não Vida (geos, meteoros) são sensíveis e dramáticas; um mundo em que esses cercamentos não são, nem sequer foram, relevantes, sensíveis, viáveis (Povinelli, 2023: 41).

O motivo de eu querer pensar aqui em uma delas apenas, a do deserto, parte do que vivi em Jaguaquara, o que vi de resistência em Jaguaquara à colonialidade, mas antes, um pouco mais de narração e história oral. Conta minha vó materna de suas andanças por entre as matas de Jaguaquara, do dia que perdeu o facão e alguma outra coisa que já não me recordo. Ela, na época, muito pobre, via na floresta de mata de cipó a única forma de conseguir lenha e assim poder cozinhar. A prática de entrar na mata atrás de lenha era (não sei se ainda é) muito comum nos bairros pobres de Jaguaquara, principalmente na Malvina 2, que tem como limite a mata. Em uma dessas idas à mata, ela perdeu suas coisas e não conseguia encontrar. Conta minha vó que uma amiga disse que havia sido a Dona da Mata que pegou. “Fiquei nervosa na hora e com medo... se fosse hoje, não entraria no mato por dinheiro nenhum, ali é a terra dela, desde moça que escuto histórias sobre a Caipora.” Trouxe no dia seguinte para ela uma garrafinha de cachaça, fumo e disse: “Dona da mata, Dona da mata, toma teu presente e devolve meu facão”. Conta ela que, no dia seguinte, todas as suas coisas foram encontradas no lugar que ela havia deixado.

Escutei muitas histórias de pessoas perdidas nas matas de Jaguaquara e região por desrespeito a esse ser ancestral que, ao ser desrespeitado, castiga em fúria seus malfeitores. Minha vó relata as matas com certo medo desses seres que lá habitam, seres que precisam de respeito. Essa prática de relação com o mais que humano é de origem indígenas e resiste em Jaguaquara não só nessa narrativa em particular, mas em muitas das suas tradições populares. É nos terreiros onde o ancestral afro se mistura ao ancestral indígena em formas de existir para além da colonialidade, são nas rezas onde os caboclos descem e fazem as pessoas caminhar sobre a brasa, onde mulheres rodam com longas saias ao som dos tambores negros ancestrais. Foi nessas coisas que notei que o encantamento²⁵ e captura do sistema moderno-colonial não é absoluto; algo escapa... Nas narrativas da minha vó, encontrei fósseis ancestrais. Voltemos à definição de Deserto:

O Deserto engloba discursos, táticas e figuras que reestabilizam a distinção entre Vida e Não Vida. Ele representa todas as coisas percebidas e concebidas como despidas de vida – e, por conseguinte, todas as coisas que poderiam, com o emprego correto de perícia tecnológica e manejo, ser tornadas (novamente) acolhedoras para a vida. O Deserto, em outras palavras, se atém à distinção entre Vida e Não Vida e dramatiza a possibilidade de que a Vida esteja sempre sob a ameaça das areias rastejantes e dissecantes da Não Vida. O Deserto é o espaço em que já houve vida, não há mais, mas poderia haver se conhecimentos, técnicas e recursos fossem devidamente administrados. O Imaginário do Carbono se encontra no coração dessa figura e é, portanto, fundamental para a manutenção do geontopoder (Povinelli, 2023: 42).

A melhor definição de Imaginário do Carbono é a terraformação de Marte, ou seja, um evento futuro onde há uma morte radical e um recomeço radical (Povinelli, 2021, 2023). O Deserto, ao ser o espaço que já teve vida, que não há mais, mas que pode ter (ser produtivo), caso haja conhecimento, técnicas e recursos para isso, nos leva a categoria geológica de fóssil.

Também é possível vislumbrar o Deserto na categoria geológica do fóssil, visto que fósseis são considerados remanescentes de algo previamente carregado de vida e que perdeu essa vida, mas cuja conversão em combustível pode proporcionar condições para uma forma específica de vida (Povinelli, 2023: 42).

A captura do sistema, o encantamento, não é total, assim como num rio seco pela seca provocada pelas barragens dos homens, onde o caminho, a lama, as rachaduras ficam e, de alguma forma ele, o rio, também está lá. Essas

²⁵ Termos usados pelo indígena doutorando em Antropologia Social na UFG Antonio Carlos Benites, durante o *Workshop Semiotics after Geontopower* em abril de 2024.

coisas que, no encanto do psicose-branco, escapam ou ficam, são como fósseis, mas subvertidos. Não como o fóssil da figura do deserto mostrado acima, que, ao ser tornado produtivo, ao se aplicar nele tecnologia para dar-lhe a qualidade da vida (cuja a vida havia sido extinta, por isso, fóssil), ou seja, não o fóssil que, no geontopoder, se torna ou pode se tornar produtivo e gerar energia para a “vida”, por meio do óleo-sangue-petróleo..., mas um fóssil/resquícius das vozes ancestrais e de um futuro ancestral (Krenak, 2022), um fóssil-sempre-vivo. Não fósseis cujo da extração violenta da terra produz o sangue-tóxico-petrolero, mas fósseis-sementes que germinam e florescem nas fissuras do concreto-cinza-ocidente, pois, debaixo do concreto, têm Gaia, e ela é incontrolável...²⁶

Há nas falas da minha vó sobre a Dona da mata um fóssil como recusa ao apagamento? Uma espécie de insubordinação, de memória, de história contada pelas vozes ancestrais onde o passado e o presente se encontram e se misturam, interagem estabelecendo potencialidades outras? Um fóssil sob camadas e camadas de concreto, às vezes imperceptível da colonialidade, ou seja, um fóssil que, mesmo sob o peso da branquitude, resiste. Um resquícius das práticas ancestrais de relação com o mais que humano? Não como um fóssil do deserto do geontopoder, mas como um fóssil ANCESTRAL-SEMPRE-VIVO, pois *sob o peso da colonialidade e da branquitude há Fósseis Ancestrais, ancestrais há resistir movendo-se no presente/ontem rumo ao futuro/hoje.*

Lá vem o fóssil ancestral dos orifícios de Gaia e das línguas/corpo dos anciões/doutores da terra e seus sagrados e assustadores mistérios. Cantai os povos da terra inteira o devir ancestral do mundo! Está entre vós as pedras, árvores, rios, vales, os sonhos, o canto dos pássaros, o rastejar dos incestos e os anciões antes de nós e depois de nós, todos primos e primas, avós e mães, pais e filhos da Viva-Gaia. Cantai e temei a fúria dos antigos de nós para aqueles presos ao psicose-branco-kamikaze. Pois o Fóssil ancestral dá à luz a Semente Ancestral. O Fóssil Ancestral É Semente Ancestral. São Fragmentos Narrativos dos mundos que sofreram homicídio, mas que resistem e sobrevivem nas fissuras do concreto-encanto-colonial, e florescem como as flores, as gramas e as ervas daninhas brotam nos quintais cimentados e nas ruas asfaltadas...

5. Redistribuir atenção para descobrir os fósseis ancestrais e nutrir as flores sem nome que desabrocham nas frestas do concreto branco colonial

Última das seções, essa surge fruto de uma participação minha como aluno em uma disciplina no começo do segundo semestre de 2024²⁷. Tomando Jaguaquara como uma construção coletiva enquanto cidade, como movimento contínuo de um fazer Jaguaquara acontecer, que envolve a participação e agência de grupos humanos, mais que humanos, como as pedras, morros, rio, os ancestrais, animais, objetos, etc., me fiz a pergunta: “Toda participação é

²⁶ Sugiro ler o poema do Drummond “A Flor e A Náusea”.

²⁷ Disciplina ministrada pelas Professoras Doutoras Joana Plaza Pinto e Maria Clara Bicudo de Azeredo Keating, também ofertada no PPGLL/FL/UFG.

reconhecida? Recebe atenção?”. Juntando ou fazendo nó (Kell, 2015) com ela, penso na fala da professora Suzane no Workshop sobre uma espécie de governança da atenção, que guiaria a nossa energia ou foco. Também lembro dos textos e reflexões que surgiram na disciplina citada acima, junto com um texto da Jota Mombaça (2015) sob o espectro de escuta e o ouvir como ruído o que se encontra fora do que os ouvidos humanos podem ouvir, onde ela reflete sobre a fala subalterna e a falta de escuta dessa fala. Ressemiotizei então o meu olhar sobre Jaguaquara para pensar sobre um governo da atenção enquanto um regime de poder, uma economia que dirige a atenção, seja pelo site da prefeitura, como mostrado, ou no ensino da ‘História’ da cidade nas escolas, com seus monumentos e outros meios praticamente exclusivamente para a participação europeia no fazer Jaguaquara acontecer. Ou seja, não é que a participação negra e indígena não é percebida,²⁸ mas sim que elas não recebem energia ou foco, ficando fora do sistema de escuta, reconhecimento e legitimidade pautado pela colonialidade.

Figura 5 – Praça dos Imigrantes localizada no centro da cidade, com estátuas que representam os italianos (ao centro), japoneses (à direita), e espanhóis (à esquerda)



Fonte: <https://atarde.com.br/portalmunicipios/portalmunicipioscentrosul/em-limiar-jaguaquara-conseque-impedir-reducao-no-fpm-1216377> Acesso em: 20 nov. 2024

Não estando dentro do sistema de escuta, será visto como ruído ou nem é escutado, e, portanto, não será legítimo. O governo da atenção nos permite pensar também no que é guardado ou lembrado e torna-se Consciência (Gonzalez, 1984) e memória (também nos termos da Lélia). Para onde e o quê, e com qual objetivo, o governo da atenção guia o foco/atenção dos jaguaquarenses? Que fatos e participações essa governança reconhece e usa

²⁸ Ver a fala de um dos vereadores de Jaguaquara sobre a contribuição dos quilombolas e povos negros para Jaguaquara: <https://www.youtube.com/watch?v=IAA24oGJ-YE&t=1149s>

na construção enquanto trajetória de construção de sentido que podemos nomear como Jaguaquara? E, nisso, como a colonialidade, por meio da governança da atenção, constrói o discurso oficial ou Consciência que legitimada pela colonialidade do saber, se torna “A Nossa História”? Como a atenção, com relação às participações, agências e agentes nas trajetórias de construção de sentido e eventos, são distribuídas e o que acontece quando redistribuímos? Esse ensaio não apenas responde de alguma forma essas perguntas, como é uma tentativa de redistribuir a atenção dada às participações que fizeram e fazem Jaguaquara e os Jaguaquarenses acontecer.

Creio que, quando saí da “Nossa História” do Branco-Itália e Portugal e ouvi os ruídos-memórias enquanto “esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção” (Gonzalez, 1984: 226), de saberes outros que não o da academia, seja pela boca da minha vó, mãe e pai, ou das memórias da minha infância, seja ao ler trabalhos acadêmicos que escutaram as narrativas dos povos negros e indígenas de Jaguaquara, eles foram confrontados com a história branca. Eu redistribuí a atenção de modo que notei fósseis ancestrais, fósseis sementes que germinam e tornam-se flores desbotadas que rompem o asfalto, o concreto colonial, e redistribuí a violência ao nomear a norma, ao marcar a ‘Nossa História’ como uma ficção de poder (Mombaça, 2021) colonial branca, antropocêntrica, masculina, como um mito que, ao ocultar para além do que mostra e ao apagar, silenciar e matar outras narrativas que não a narrativa branca do progresso, propaga as catástrofes ancestrais desde que o primeiro europeu pisou nas terras hoje chamadas de Brasil²⁹.

Referências

Referencio minha ancestralidade e o mais que humano que no pensar-corpo-refletir-caminhar junto com os saberes acadêmicos, mas também os saberes da minha família, as contribuições de colegas e amigos como a Camila Leopoldina permitiram esse texto acontecer.

BENTO, M. A. S. 2002. *Pactos Narcísicos no Racismo: Branquitude e Poder nas Organizações Empresariais e no Poder Público*. 169 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

FOUCAULT, M. 1987. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes.

²⁹ Há uma tentativa de conto nos anexos, espero que gostem! Infelizmente tive que tirar ele do final e por nos anexos devido às regras de número de páginas, mas acho que não vai mudar muito a experiência de leitura.

GARBOZA JR, J. M.; MIGOTO FILHO, T. J. 2021. O paradoxo colonial: cultura e formação entre biopolítica e necropolítica. *Natureza Humana (Online)*, v. 23, p. 109-124, 2021.

GOMES, N. L. 2012. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. *Educação & Sociedade*, 33(120): 727-744.

GONZALES, L. 1984. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs: 223-244.

KELL, C. 2015. “Making people happen”: materiality and movement in meaning-making trajectories. *Social Semiotics*, 25(4): 423-445.

KRENAK, A. 2020. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras.

KRENAK, A. 2022. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras.

LISPECTOR, C. 2009. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco.

MÁRQUEZ, G. G. 2016. *Cem anos de solidão*. Trad. E. Nepomuceno. 94. ed. Rio de Janeiro: Record.

MOMBAÇA, J. *Pode um cu mestiço falar?* 2015. Disponível em: <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mesticofalar-e915ed9c61ee>. Acesso em: 25 ago. 2024.

MOMBAÇA, J. 2021. Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência. In: *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó: 63-83.

PENA, P. C. A.; SANTOS, E. S. 2021. Povos indígenas: a necessidade de reconhecer histórias e culturas desses povos nas escolas. In: Pena, P. C. A.; Malta, A. A.; Lima, A. S. (Org.). *Educação e diversidade: experiência de articulação do ensino com a pesquisa e a extensão na formação de educadores e educadoras do Vale do Jiquiriçá*. São Carlos: Pedro & João Editores, 1: 39-62.

PREFEITURA Municipal de Jaguaquara. *Nossa História*. Jaguaquara, BA: [sem data de publicação]. Disponível em: <https://jaguaquara.ba.gov.br/nossa-historia/>. Acesso em: 19 abr. 2024.

POVINELLI, E. A. 2021. *Between Gaia and Ground: Four axioms of existence and the ancestral catastrophe of late liberalism*. Durham: Duke University Press.

POVINELLI, E. A. 2023. *Geontologias: um réquiem para o liberalismo tardio*; trad.: Mariana Ruggieri. São Paulo: Ubu Editora.

ROSA, A. 2016. *História de Jaguaquara e suas paisagens humanas*.

SANTOS, A. B. 2015. *Colonização, Quilombos, Modos e Significações*. Brasília: INCTI/UnB.

SANTOS, E. S.; SOUZA, T. R.; SOUZA, F. S. 2019. Influência da imigração no processo de formação sócio-espacial do município de Jaguaquara-BA. *Situação Geográfica*, 2: 91-105.

SANTOS, K. C. 2021. “*Seu Zumbi é santo sim que eu sei*”: relações étnicas e identidade étnica no município de Jaguaquara/BA e o centro de umbanda Estrela da Guia. Dissertação (Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade) - Órgão de Educação e Relações Étnicas – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié.

WALSH, C. 2012. *Interculturalidady (de)colonialidad: perspectivas críticas y políticas*. *Visão Global*, 15(1-2): 61-74.

Anexo

A chuva-branca-colonial

Sonhei ontem um sonho muito doido. Sonhei que pairava no ar como os pássaros sob o céu infinito, que sentia em meu corpo e pele o doce toque do vento e que vi a lua cheia em uma noite de estrelas mil. Que delícia foi sonhar esse sonho! Que mágico foi olhar o Vale do alto com seus morros, pedras mágicas, rios e lagos.

Sobrevoei absorto em sensações muitas e mente lenta, cheguei sobre Jaguaquara. Vi suas ladeiras, escadinhas, suas casinhas e predinhos amontoados, mas sem seu trânsito-Índia e seus barulhos-carros-motos. Vi, no alto do morro, a igreja-torre com seu relógio e tive a impressão que era uma coroa ao branco-templo-cidade-necrópole-colonial. Tomei um susto e uma ânsia de vômito me tomou conta quando olhei aquele monstro deitado sobre as chagas de Gaia, e voei mais alto. Olhei para baixo de relance para ver se tudo tinha voltado ao normal. Foi então que a chuva branca caiu do céu escorrendo por entre os morros despidos, as ladeiras de pedra. Com a chuva-água-branca-colonial, tudo foi-se junto: a terra engoliu água e a cidade-necrópole, de modo que “as estirpes condenadas a cem anos de solidão não tinham uma segunda chance sobre a terra”³⁰. Contemplei com horror a agência da natureza ancestral, ao redistribuir a violência por ela sentida há muitas eras.

³⁰ Referência ao maravilhoso “Cem anos de solidão” do Gabriel García Márquez edição de 2016, p. 447.